

[ARQUIVO EM CARTAZ 2019]
FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA DE ARQUIVO

mulheres

d e C I N E M A



mulheres

d e C I N E M A

Copyright © 2019 Arquivo Nacional
Praça da República, 173
20211-350 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Telefones: (55 21) 2179-1253

Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Justiça e Segurança Pública
Sergio Fernando Moro

Diretora-geral do Arquivo Nacional
Neide Alves Dias De Sordi



Coordenadora-geral de Acesso e Difusão Documental
Leticia dos Santos Grativol (substituta)

Coordenador-geral de Administração
Leandro Esteves de Freitas

Coordenadora-geral de Gestão de Documentos
Larissa Candida Costa

Coordenadora-geral de Processamento e Preservação do Acervo
Aluf Alba Elias

Coordenadora-geral regional no Distrito Federal
Mariana Rodrigues Carrijo

Coordenador de Documentos Audiovisuais e Cartográficos
Antonio Laurindo

Coordenadora de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo
Leticia dos Santos Grativol

Coordenadora de Preservação do Acervo
Mariana Barros Meirelles (substituta)

Realização
Arquivo Nacional

Grupo de Trabalho Arquivo em Cartaz

Aline Camargo Torres (coordenação das oficinas técnicas)

Ana Carolina Reyes (coordenação-executiva)

Carla Machado Lopes (coordenação da mostra competitiva)

Carlos Eduardo Marconi de Carvalho (coordenação da oficina de criação de filmes Lanterna Mágica)

Cláudia Negreiros Tebyriça (coordenação das oficinas técnicas)

Januária Teive de Oliveira (coordenação da oficina de criação de filmes Lanterna Mágica)

Luciene de Almeida Simonini (coordenação das mostras Arquivo Faz Escola e Arquivos do Amanhã)

Maria Elisa da Cunha Bustamante (coordenação da mostra competitiva)

Maria Elizabeth Brea Monteiro (coordenação de debates e mesas-redondas)

Mariana Monteiro da Silveira (curadoria)

Mauro Domingues (coordenação de debates e mesas-redondas)

Sylvana Cotrim Lobo (coordenação-executiva)

Valéria Maria Morse Alves (coordenação das mostras Arquivo Faz Escola e Arquivos do Amanhã)

Viviane Gouvêa (curadoria)

REVISTA ARQUIVO EM CARTAZ

Edição

Antonio Laurindo

Rafael Medeiros Santos

Revisão

José Claudio Mattar

Mariana Simões

Pesquisa de imagens

Antonio Laurindo

Projeto gráfico e diagramação

Alzira Reis

Arte da capa

Simone Kimura

Imagem da capa: <https://www.freeimages.com/francescomaglione>

O cinema de Lucia Murat

Viviane Gouvea

Curadora do Arquivo em Cartaz 2019

*Minha relação com o cinema é uma relação de busca.
Foi minha condição de sobrevivência.*

| Lucia Murat

Em 1979, na Nicarágua, um processo de insurreição popular derrubava uma longa ditadura comandada pela família Somoza desde a década de 1930. Liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), a Revolução Sandinista – como o movimento tornou-se conhecido – inspirou jovens latino-americanos que ainda viviam ou acabavam de sair de uma ditadura militar. O *pequeno exército louco* é um documentário de cinquenta minutos lançado em 1984 pela ex-guerrilheira e jornalista Lucia Murat que acompanhou essa revolução.

A cineasta carioca integrou o movimento estudantil no final dos anos sessenta, depois de ingressar na Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1967. No ano seguinte, foi presa no congresso da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna, interior de São Paulo. Em liberdade, entrou para o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Depois do sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrik, em setembro de 1969, no Rio de Janeiro, pela organização que ela integrava juntamente com a Aliança Libertadora Nacional, entra definitiva-

mente na clandestinidade. Presa e levada para o DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) em março de 1971, Lucia seria libertada após três anos de encarceramento, durante os quais foi submetida a sessões de tortura, rotineiras em regimes ditatoriais. Depois da sua libertação, permaneceu no Brasil, trabalhando como jornalista para veículos como *Jornal do Brasil* e *Opinião*.

O pequeno exército louco foi seu primeiro filme, e segundo ela mesma, produzido em um clima de aventura: viajando com um passaporte falso, motivada pela concretização de um movimento revolucionário que sonhava ver realizado no Brasil, Lucia e sua equipe realizaram as filmagens entre 1979 e 1980, mas problemas de financiamento (incluindo uma crise na Embrafilme) adiaram seu lançamento.

A obra de Lucia Murat espelha as escolhas que fez ao longo de sua vida. Como ela mesma afirma, “o cinema político não é uma continuidade da minha luta, é uma continuidade da minha vida”.¹ Sem serem autobiográficos ou necessariamente *históricos*, seus filmes trazem para as telas eventos, questões e discussões que pautaram sua vida: ditadura, violência, desigualdade, inconformismo, memória. Realizando documentários ou filmes de ficção, e por vezes misturando ambos, Murat traz

fragmentos da sua vida e daqueles com quem conviveu, construindo narrativas relacionadas não apenas com seu passado pessoal, mas com a história do Brasil das últimas décadas.

Em seu filme seguinte, o longa *Que bom te ver viva* (1989), Lucia convida a atriz Irene Ravache a revelar aquilo que ela mesma e suas companheiras de movimento nos anos 1970 passaram: a clandestinidade, a prisão, o estupro, a tortura. E, principalmente, mostra como sobreviveram, traçando um indispensável vínculo entre o passado e o presente, tanto no nível pessoal, quanto no coletivo. O filme também faz uso de imagens de arquivo e depoimentos dessas mulheres, cujas vozes expõem suas histórias reais e os reflexos deste passado perverso em suas vidas atuais. O tema da ditadura militar e seus efeitos no presente sobre as pessoas que lutaram contra ela perpassa a obra de Lucia, que, no entanto, não se esgota nele.

Embora não se perceba um discurso feminista estruturado como tal na obra da cineasta, as questões específicas ao feminino abrangem boa parte de seus filmes desde *Que bom te ver viva*. Se tradicionalmente as mulheres são vistas e retratadas como agentes passivos e/ou vítimas das circunstâncias, nas obras de Lucia a mulher – mesmo a vítima no sentido estrito, a torturada, a violentada, a explorada – é um agente ativo da sua própria vida, demonstrando suas

1 Entrevista concedida ao jornalista Luiz Carlos Azedo. Programa 3a1, TV Brasil, 26 abr. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CAvi0Uuj6PQ>. Acesso em: 3 set. 2019.

cheçam
colégio
hor

A ESCOLA
NOS
RESPEITA

THE OUTCASTS
RADAR
Domingo, 3 de
Setembro as 20 hrs

THE OUTCASTS
RADAR
Domingo, 3 de
Setembro as 20 hrs

1325

THE OUTCASTS
RADAR
Domingo, 3 de
Setembro as 20 hrs

THE OUTCASTS
RADAR
Domingo, 3 de
Setembro as 20 hrs

USAMOS A
NOSSA LIBERDADE
COM
RESPONSABILIDADE



escolhas, seus desejos, suas angústias. O feminismo fundamental de Lucia encontra-se na forma subversiva de compreender o mundo em que vive: “quando a mulher consegue trabalhar de um ponto de vista autoral, ela normalmente tende a ter um olhar mais subversivo, não só em relação ao feminino, mas em relação ao mundo”.² Essa percepção aguçada em relação ao gênero fica bastante clara em *Olhar estrangeiro*, documentário de 2005, em que a cineasta enfatiza a imagem que o cinema estrangeiro faz da mulher brasileira.

Em seu filme mais recente, o longa de ficção *Praça Paris*, de 2017, Lucia Murat nos pergunta: qual é o limite da sua empatia? Passando ao largo de temas históricos relativos à ditadura militar vivida pelo Brasil entre 1964 e 1985, o filme traz, no entanto, questões vinculadas à violência endêmica na sociedade brasi-

leira, ao preconceito, à intolerância, à paranoia, ao medo disseminado, aspectos perversos de um país cruel que, por não se reconhecer como tal, não consegue vislumbrar saída para o sombrio ciclo de autoritarismos, arbitrariedades e ditaduras que continua a se repetir na nossa história.

Em sua edição de 2019, o Arquivo em Cartaz tem como tema *Mulheres de cinema*, uma homenagem às mulheres que lutam para ocupar posições de comando na indústria cinematográfica, há décadas ocupadas, predominantemente, por homens. Lucia Murat, diretora, roteirista e produtora, é uma das nossas homenageadas. Atualmente, à frente da produtora Taiga Filmes, ela inspira a todos que buscam compreender como o passado – de cada um ou o que temos em comum – interfere na forma como vivemos nosso cotidiano.

FILMOGRAFIA DE LUCIA MURAT

O pequeno exército louco Documentário, 1984. Documentário de 50 minutos sobre a Revolução Sandinista, ocorrida na Nicarágua em 1979.

Que bom te ver viva Drama-documentário, 1989. Ao longo de 100 minutos, a atriz Irene Ravache vive a uma personagem fictícia que dá voz ao vivido pela própria Lucia Murat e outras companheiras de luta. Ela divide a tela com ex-militantes que lutaram contra a ditadura militar e sofreram no corpo a violência do regime.

Oswaldianas: segmento “Daisy das almas deste mundo” Ficção, 1992. Curta que integra o filme *Oswaldianas* – produzido por Julio Bressane –, livremente baseado na obra de Oswald de Andrade *O feito cozinheiro das almas deste mundo*.

2 Palestra no CPCine – História, Estética e Narrativas em Cinema e Audiovisual, jun. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=z_jcuE_C9b0. Acesso em: 3 set. 2019.

Doces poderes Ficção, 1996. A comédia dramática estrelada por Marisa Orth e Antônio Fagundes mostra a ligação perversa entre a mídia e os políticos em Brasília. Duração de 102 minutos.

Brava gente brasileira Ficção, 2000. No final do século XVIII, índios guaicurus invadem um forte português e massacram seus soldados, na região central do Brasil. Esse drama histórico de 104 minutos levou para as telas a cruzeza e a crueldade do processo de ocupação europeia das terras que acabaram por se tornar o Brasil. Estrelando Luciana Rigueira, Floriano Peixoto e Diogo Infante.

Quase dois irmãos Ficção, 2004. Prisioneiros políticos e prisioneiros comuns dividem o espaço no presídio de Ilha Grande, nos anos 1970. Sua amizade permanece ao longo dos anos. A história que partilharam no presídio demonstra o mecanismo de perpetuação da violência endêmica que marca a sociedade brasileira. Com Caco Ciocler e Flávio Bauraquí.

Olhar estrangeiro Documentário, 2006. A partir de material de arquivo e entrevistas, o documentário de 70 minutos revela como o Brasil e os brasileiros são vistos pelo cinema internacional.

Maré, nossa história de amor Ficção, 2007. Marisa Orth, Cristina Lago e Vinícius D'Black estrelam esse drama musical de 104 minutos que acompanha dois jovens moradores do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, ambiente marcado pela violência e tráfico de drogas, em sua busca pelo sonho de brilhar no palco.

Uma longa viagem Drama-documentário, 2011. Inspirado pela história do irmão de Lucia Murat, o filme que é ao mesmo tempo drama e documentário retrata os dilemas vividos pela juventude nos anos 1960 e 1970. Com Caio Blat, 94 minutos.

A memória que me contam Ficção, 2012. Irene Ravache e Simone Spoladore lideram o elenco deste drama de 95 minutos que traz às telas a vida pregressa e atual daqueles que escolheram lutar ativamente contra a ditadura militar brasileira entre os anos 1960 e 1970.

A nação que não esperou por deus Documentário, 2015. Realizado a partir de imagens gravadas ao longo das filmagens de *Brava gente brasileira*, este documentário de 89 minutos gira em torno da transformação dos índios da tribo kadiwéus durante o período que separa os dois filmes.

Em três atos Ficção, 2015. Andréa Beltrão e Nathália Timberg dão vida a textos escritos pela feminista francesa Simone de Beauvoir, enquanto duas bailarinas – Maria Alice Poppe e Angel Vianna –, em pontos opostos da vida e da carreira, ensaiam uma coreografia que expressa o processo de amadurecimento e envelhecimento. Duração de 76 minutos.

Praça Paris Ficção, 2017. Camila, uma psicanalista portuguesa vivida por Joana de Verona, instala-se no Rio de Janeiro para fazer uma pesquisa sobre violência. É assim que conhece Glória, vivida por Grace Passô, sua paciente e funcionária da universidade onde a portuguesa faz sua pesquisa, mulher humilde com uma história de vida complicada. O envolvimento de Camila com as histórias de Glória desperta medos que fazem o espectador se perguntar: qual é o limite da sua empatia? O drama de noventa minutos recebeu o prêmio de melhor direção para Lucia Murat e melhor atriz para Grace Passô no Festival do Rio em 2017.

